

**GEORGES CANGUILHEM:
SOBRE VIDA E CONHECIMENTO DA VIDA**

**[GEORGES CANGUILHEM:
ON LIFE AND KNOWLEDGE OF LIFE]**

Filicio Mulinari

Professor na Universidade Federal do Espírito Santo
Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo

Natal, v. 23, n. 40
Jan.-Abr. 2015, p. 169-183

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Resumo: Tendo como fundamento as obras de Georges Canguilhem, sobretudo a obra *O normal e o patológico* e os escritos “O pensamento e o vivente” e “O conceito e a vida”, este artigo busca analisar o modo como Georges Canguilhem entende as noções de vida e conhecimento de vida, relacionando ambos os conceitos e indicando, nas linhas teóricas do filósofo francês, como é possível conhecimento o sobre a vida e o vivente. O artigo, inicialmente passando pelos conceitos de normal e patológico, buscará situar e fundamentar o conceito de vida enquanto “atividade normativa”. Após isso, na segunda parte, buscará expor o tratamento dado por Canguilhem aos problemas relativos ao conhecimento da vida, analisando as questões histórico-filosóficas relacionadas ao problema e, por fim, as descobertas da biologia contemporânea que permitiram a Canguilhem lançar novos caminhos para o tema tratado.

Palavras-chave: Vida; Vivente; Vitalismo; Normatividade.

Abstract: This article aims to examine how Georges Canguilhem understand the concepts of life and knowledge of life, relating both concepts and indicating the theoretical lines of the French philosopher, as is possible the knowledge about life and living. The article, initially through the concepts of normal and pathological, will intend to situate and explain the concept of life as “normative activity”. After this, the second part aims to expose the treatment given by Canguilhem to problems concerning the knowledge of life, analyzing the historical and philosophical questions related to the problem and, finally, the findings of modern Biology that enabled Canguilhem launch new ways to theme treated.

Keywords: Life; Living; Vitalism; Normativity.

A influência de Georges Canguilhem na filosofia contemporânea francesa é, ainda, algo incomensurável devido à grandiosidade de seu pensamento. Nessa esteira, podem-se considerar vários e distintos pensadores como Foucault, p. ex., que expressou seu profundo respeito em seu último artigo aprovado para publicação, dois meses antes de morrer, enfatizando sua contribuição para a história da filosofia na França:

This man, whose oeuvre was austere, narrowly bounded by choice, and carefully focused on a particular area within the history of science – which is not, in any case, regarded as a spectacular discipline – still found himself involved, to a certain extent, in debates in which he himself was careful never to intervene. But screen out Canguilhem and you will not be able to make much sense of a whole series of discussions among French Marxists; you will fail to grasp the specific factors that make sociologists like Bourdieu, Castel and Passeron so eminent in their field; and you will miss a whole aspect of the theoretical work done by psychoanalysts, particularly the Lacanians. More than that: across the spectrum of intellectual debate that preceded and followed the movement of 1968, it is easy to tell which participants had been formed, at firsthand or remotely, by Canguilhem. (Foucault *apud* Roudinesco, 2008 p. 1-2)

Além do respeito citado acima, cabe ressaltar que a segunda edição inglesa da obra *O normal e o patológico* conta com um longo texto introdutório de Foucault, enumerando as contribuições da obra de Canguilhem ao debate intelectual dos anos 1960. Nesse texto, encontra-se também um parágrafo que remonta a um debate presente no século XIX entre duas correntes filosóficas distintas, a saber, uma que busca compreender a experiência do significado e do sujeito e outra distinta, que mantém seu interesse na análise, na racionalidade e no conceito. Em seu artigo intitulado “La vie: l’expérience et la science” (1985), Foucault, mais que ressaltar essa oposição existente entre as duas correntes, coloca-a em relação com a questão da vida e do conhecimento da vida. Por esse motivo, em seu último parágrafo, Foucault indica o mérito de Canguilhem em indicar um caminho distinto das teorias vigentes e que

encontraria ressonância particular na primeira metade do século XX.

Dada a particularidade e a importância da contribuição de Canguilhem para esse debate, o presente artigo buscará a análise o esclarecimento das noções de vida e conhecimento da vida presentes no pensador francês, a fim de mostrar, ao final de que modo as considerações do autor se distinguem das correntes filosóficas do fim do século XIX e em que pesa seu avanço teórico. Para isso, este trabalho tomará como fundamento a obra *O normal e o patológico* e os escritos “O pensamento e o vivente” e “O conceito e a vida”. Primeiramente, ao tratar os conceitos de normal e patológico, buscar-se-á situar e fundamentar o conceito de vida enquanto “atividade normativa”. Após isso, na segunda parte, será exposto o tratamento dado por Canguilhem aos problemas relativos ao conhecimento da vida, analisando as questões histórico-filosóficas relacionadas à questão e, por fim, as descobertas da biologia contemporânea que permitiram a Canguilhem lançar novos caminhos para o tema tratado.

1. A noção de vida

O normal e o patológico é um texto fundamental para a realização de uma abordagem da noção de vida, não somente em George Canguilhem, mas para boa parte dos estudos teóricos que envolvem as ciências da vida no século XX. De certo, alguém poderia questionar sobre a pertinência de uma pesquisa sobre um conceito filosófico adotar, como fundamento teórico, uma tese de doutorado em medicina.¹ Porém, é o próprio Canguilhem que insiste so-

¹ Sobre Canguilhem e a influência filosófica de sua tese em medicina, tem-se: “In 1943, Canguilhem defended a thesis in medicine on the subject of ‘the normal and the pathological’, the first of a series of key oppositions that underlie all his thinking about the ‘knowledge of life’. To this pair of terms he would later append others: continuity and discontinuity, equilibrium and disequilibrium, vitalism and mechanism, individuality and complexity. Already the distinctive character of Canguilhem’s history of medicine was apparent.

bre o interesse e necessidade de aproximação entre as duas áreas para o tratamento de conceitos como vida, vivente e meio. Para o filósofo, a medicina pode dar suporte à filosofia, uma vez que a filosofia se configura como “uma reflexão para a qual qualquer matéria estranha serve, ou diríamos mesmo para a qual só serve a matéria que lhe for estranha” (Canguilhem, 2009, p. 10). Sobre essa aproximação, Canguilhem é enfático:

Não é necessariamente para conhecer melhor as doenças mentais que um professor de filosofia pode se interessar pela medicina. Não é, também, necessariamente para praticar uma disciplina científica. Esperávamos da medicina justamente uma introdução a problemas humanos concretos. (Canguilhem, 2009, p. 10)

Mais que uma tentativa de “querer renovar a medicina incorporando-lhe uma metafísica”, Canguilhem considera seu trabalho como um “esforço para integrar à especulação filosófica alguns dos métodos e das conquistas da medicina” (*ibidem*, p. 10).

Entretanto, uma questão inicial basilar é: quais são as contribuições à especulação filosófica oriundas da medicina desenvolvidas na obra *O normal e o patológico*? Uma resposta a essa questão exige o conhecimento e o exame minucioso do conceito de normal com o qual o autor se confronta, a saber, a noção de que os fenômenos relacionados ao conceito de normal possuem apenas uma diferença *quantitativa* em relação aos fenômenos patológicos.

A diferenciação entre o normal e o patológico como algo essencialmente quantitativo era uma visão largamente difundida e aceita nos meios intelectuais do século XIX. Ressalta-se que, anteriormente a essa diferenciação quantitativa dos conceitos, era presente

For him, as for Bachelard, knowledge does not progress in a linear fashion. New scientific concepts emerge, not necessarily out of old science, that is, existing concepts and objects, but out of an amorphous range of discourses that Canguilhem would later call ‘scientific ideologies’. The process of emergence might be compared to a crystallization: word, concept, and object appear simultaneously” (Goldhammer, 2006, p. 468).

a diferenciação *qualitativa* entre os conceitos de normal e patológico, que tratavam a doença por meio de conceitos dinâmicos e ontológicos, *i.e.*, por um tipo de heterogeneidade irreduzível que institui uma situação completamente diferente no organismo atingido pela doença. Assim sendo, na modernidade a visão quantitativa se coloca em oposição à visão qualitativa no que diz respeito ao normal e o patológico, uma vez que tratados quantitativamente, a doença será uma simples variação – de excesso ou falta (*hiper* ou *hipo*) – do estado normal do vivente, estado esse perceptível e calculável graças ao rigor dos procedimentos científicos modernos. Reduzida a uma variação numérica, a doença perde seu caráter ameaçador a tal ponto que poderá ser combatida com o uso de um bom cálculo científico. Logo, pode-se deduzir que tal visão científica possui a pretensão de ser o único critério de validade e discernimento no que diz respeito à classificação do normal e do patológico.

Isso exposto, tudo conduzirá a pensar que os representantes desta visão teórica irão definir em termos essencialmente objetivos e abrirão mão de qualquer influência de critérios qualitativos no que tange ao conceito de normalidade. Porém, contra essa visão, a análise de Canguilhem colocará em evidência uma ambiguidade conceitual que representa a inviabilidade dos postulados fundamentais do tratamento objetivo e quantitativo acerca do normal e do patológico. Assim, além apresentar os exemplos que colocam em evidência a falibilidade de tal visão – como no caso da hipertensão ser considerada quantitativamente como simples aumento da tensão arterial fisiológica ao invés da profunda reelaboração e análise da estrutura e das funções dos órgãos essenciais –, o autor submete os conceitos supostamente objetivos e quantitativos utilizados como referenciais nestas teorias a um exame que revela a natureza ambígua e manifestadamente qualitativa e normativa dos mesmos, como, p. ex., o conceito de “alteração”.

Aumento e diminuição são conceitos de valor quantitativo, porém alteração é um conceito qualitativo. É claro que não se podem criticar fisiologistas e médicos por caírem na armadilha do Mesmo e do Outro em que tantos filósofos foram apanhados, desde Platão. Mas é bom saber reconhecer a armadilha, em vez de ignorá-la tão inconscientemente no próprio instante em que se é apanhado. (Canguilhem, 2009, p. 22)

Vale lembrar que Canguilhem dedica o segundo capítulo da segunda parte de sua tese ao esclarecimento do conceito de “normal”. Partindo das significações atribuídas ao conceito de “normal” presentes nos dicionários técnicos da época – como o dicionário de medicina de Littré e Robin ou, ainda, o dicionário de filosofia de Lalande –, Canguilhem adverte para o caráter ambíguo e equívoco que cerca o conceito de “normal” largamente aceito em seu tempo. Tal equívoco, que de certa forma dominou e ainda é muito presente na medicina ortodoxa, é presente no fato de se considerar o estado normal como um estado habitual e ideal dos organismos.

Na discussão desses sentidos, fizemos ver o quanto esse termo é equívoco, designando ao mesmo tempo um fato e “um valor atribuído a esse fato por aquele que fala, em virtude de um julgamento de apreciação que ele adota”. (Canguilhem, 2009, p. 48)

Para evitar as consequências deste equívoco que tende a dissimular o sentido normativo sob a significação objetiva, Canguilhem dedica-se à questão em torno de saber se o estado normal do organismo é uma exigência própria à ciência ou uma exigência da doença. De sua resposta surge precisamente o status que conduz à noção de vida, uma vez que, para o filósofo, é o ser vivo mesmo que experimenta como patológicos certos estados. Sobre isso, o pensador reitera:

O vivo humano prolonga, de modo mais ou menos lúcido, um efeito espontâneo, próprio da vida, para lutar contra aquilo que constitui um obstáculo à sua manutenção e a seu desenvolvimento tomados como normas. (Canguilhem, 2009, p. 48)

É possível perceber que Canguilhem consegue demonstrar claramente que, para ele, é a vida mesma quem decide os modos de restauração da normalidade perdida. Porém, não satisfeito com as consequências de seus postulados iniciais, Canguilhem tentará demonstrar que do fato da vida reagir com doença a uma infecção, p. ex., traduz-se o essencial ao mostrar que a vida não é indiferente às condições de possibilidade, muito menos se determina mediante suas condições de desenvolvimento. Antes disso, mais importante ainda, é ela que propõe suas próprias normas: a vida é uma “atividade normativa”.

O verbete do *Vocabulaire philosophique* parece supor que o valor só pode ser atribuído a um fato biológico por “aquele que fala”, isto é, evidentemente, um homem. Achamos, ao contrário, que, para um ser vivo, o fato de reagir por uma doença a uma lesão, a uma infestação, a uma anarquia funcional, traduz um fato fundamental: é que a vida não é indiferente às condições nas quais ela é possível, que a vida é polaridade e, por isso mesmo, posição inconsciente de valor, em resumo, que a vida é, de fato, uma atividade normativa. (Canguilhem, 2009, p. 48)

Nesse sentido, pode-se dizer que não será a terapêutica que fixará a norma sob as quais o vivente deve se adaptar, mas a vida própria que irá impor suas exigências conforme a sua própria polaridade dinâmica. Noutros termos, não há indiferença, mas sim normatividade à qual se ajusta o critério terapêutico. Ao longo de suas análises, Canguilhem restitui à vida a sua espontaneidade própria, não somente ao contribuir para o esclarecimento do caráter normativo do conceito de normal – ao invalidar os postulados fundamentais das teorias que firmam a identidade dos fenômenos patológicos e normais –, mas também ao relativizar a intervenção da medicina. Mais importante ainda, cabe dizer, é a formulação de uma concepção de vida enquanto atividade normativa.

No que diz respeito à configuração do conceito de vida enquanto atividade normativa cabe ainda realizar algumas considerações essenciais para o entendimento do pensamento de Canguilhem. Vale lembrar que o filósofo reformula sua definição de vida como

atividade normativa e passa a se referir, ao invés disso, como caracterizada por “formação de formas”.² Contudo, de forma essencial, Canguilhem mantém características basilares presentes em sua compreensão anterior, como a permanência do âmbito da espontaneidade e da criatividade. De fato, esses dois aspectos mencionados colocam em evidência sua adesão aos princípios fundamentais do vitalismo; adesão essa que, longe de dissimular, o autor faz questão de abordar e mencionar em mais de uma ocasião com a intenção de circunscrever seu âmbito aos postulados que sustentam a originalidade do fato vital, mas, ao mesmo tempo, de legitimar a fecundidade e atualidade de suas teorias biológicas.

2. Do conhecimento da vida

Após a análise da noção da vida segundo o pensamento de Canguilhem, algumas questões devem ser feitas na sequência: é possível o conhecimento da vida? Como podemos dar conta desse conhecimento? Para responder a tais questionamentos sobre o problema do conhecimento da vida em geral não se pode abster da análise da história da ciência.

No que diz respeito ao conhecimento da vida e às questões a ela relativas, Canguilhem foca sua atenção especialmente nas primeiras linhas de seu texto “O pensamento e o vivente”, introdução à sua obra *O conhecimento da vida*. Nesse texto, o autor inicia com um questionamento sobre a pertinência de se analisar em que concerne o conhecimento da vida. Em efeito, a análise comporta uma série de operações como a decomposição, a redução, a explicação, a identificação, dentre outros que são ligados mais à satisfação de uma exigência de inteligência do sujeito do que ao objeto referido pelo conceito de “vida”.

² “A vida é formação de formas, o conhecimento é análise das matérias informadas. É normal que uma análise não possa nunca dar conta de uma formação e que se perca de vista a originalidade das formas quando nelas vemos somente resultados cujos componentes buscamos determinar.” (Canguilhem, 2012, p. 3)

De fato, essas operações são somente aplicáveis à análise de matérias informais, mas elas não podem captar a originalidade essencial das formas viventes, *i.e.*, a organização vital. Nesse sentido, essas formas de conhecimento, notadamente, costumam ir em direção a dois caminhos distintos no que diz respeito ao conhecimento da vida: a um intelectualismo estéril ou a um misticismo enganador.

Admitimos demasiado fácil a existência de um conflito fundamental entre o conhecimento e a vida, e de tal modo que sua aversão recíproca só possa conduzir à destruição da vida pelo conhecimento ou à derrisão do conhecimento pela vida. Só há, então, escolha entre um intelectualismo cristalino, isto é, transparente e inerte, e um misticismo confuso, ao mesmo tempo ativo e descuidado. (Canguilhem, 2012, p. 1)

Longe de compartilhar dessas visões, Canguilhem pontua que entre o pensamento e a vida não se pode ter um conflito que se interponha a consciência humana ou, igualmente, se coloca em conformidade com as exigências do sujeito. Dessa forma, Canguilhem considera que para o conhecimento dos seres viventes é necessário realizar um tipo de abordagem como uma visão que não se configura mais como análise, ou seja, que suponha um sujeito mais receptivo ao invés de um espectador que impunha suas condições de conhecimento. Por esse motivo, Canguilhem (2012, p. 5) sustenta que “quanto a nós, pensamos que um racionalismo razoável deve saber reconhecer seus limites e integrar suas condições de exercício”. Percebe-se que essa recomendação feita pelo autor remota um senso de objetivismo, uma vez que faz com que a exigência da inteligência se subordine à originalidade da vida.

Sem negar a objetividade, mas, sim, inversamente, tentando estabelecer mais amplamente sua posição, o autor tratará esta questão em seu artigo “Novo conhecimento de vida. O conceito e a vida”. No artigo, o autor trata do desafio filosófico de limitar a

análise do estudo da vida do vivente singular que é o homem.³ No entanto, Canguilhem não ignora que para alcançar aquilo que pretende, ele deve ser capaz de demonstrar, por um lado, a correspondência entre a vida e seu conceito ou, melhor, a coincidência da vida com seu conceito e, por outro lado, demonstrar a capacidade do conceito de permitir à inteligência de ter acesso à vida; pontos estes cujas respostas dependem tanto da natureza da vida quanto, também, do próprio conceito.

Procédons-nous, dans la connaissance de la vie, de l'intelligence à la vie, ou bien allons-nous de la vie à l'intelligence? Dans le premier cas, comment l'intelligence rencontre-t-elle la vie? Dans le deuxième cas comment peut-elle manquer la vie? Et, enfin, si le concept était la vie même; il faudrait se demander s'il est apte ou non à nous procurer lui-même l'accès à l'intelligence. (Canguilhem, 2002, p. 335)

Para responder a essa exigência, Canguilhem realizou primeiramente uma investigação sobre as dificuldades histórico-filosóficas da questão. Ao se investigar a história da filosofia, a primeira referência citada por Canguilhem é Aristóteles, que em sua obra *De Anima* sustenta que a alma é a entidade (*ousia*), bem como a forma específica (*logos*) da vida. Mais que uma correlação, não haveria entre a vida e seu conceito uma identidade em virtude de um conceito que capacite o conhecimento da vida. Nesse contexto, a vida seria presente no conceito de tal modo que a inteligência não poderia ignorá-la. Logo, o conhecimento não seria mérito da inteligência, mas sim da vida, da qual a essência reside no conceito.

³ “In his 1966 essay ‘Le concept et la vie’, Canguilhem analyzed the contemporary revolution under way in genetics and molecular biology. The essay, a historical *tour de force*, traces the concept of life as form (and experience) as well as knowledge of that form, from Aristotle to the present. Canguilhem demonstrates the continuity of problematization and the discontinuity of answers in the history of the concept of life. This historical reconstruction provides the groundwork for an analysis of our contemporary conceptualization of life.” (Rabinow, 1994, p. 19-20).

Cette nature vivant, pour Aristote, est une âme. Et cette âme est aussi la forme du vivant. Elle est à la fois sa réalité, l'*ousia*, et sa définition, *logos*. Le concept du vivant, c'est donc finalement, selon Aristote, le vivant lui-même. Il y a peut-être plus qu'une simple correspondance entre le principe logique de non-contradiction et la loi biologique de reproduction spécifique. [...] La connaissance est donc plutôt l'univers pensé dans l'âme, que l'âme pensant l'univers. Si l'essence d'un être est sa forme naturelle, elle entraîne le fait que les êtres étant ce qu'ils sont connus comme ils sont et pour ce qu'ils sont. L'intellect s'identifie aux intelligibles. Le monde est intelligible, et les vivants en particulier le sont, parce que l'intelligible est dans le monde. (Canguilhem, 2002, p. 336)

Uma identidade parecida entre vida e conceito pode ser encontrada também em certos textos hegelianos, sobretudo em sua obra *Fenomenologia do Espírito*. Nela, o filósofo alemão sustenta que “la vie est l'unité immédiate du concept à sa réalité, sans que ce concept s'y distingue” (Hegel *apud* Canguilhem, 2002, p. 345). E continua dizendo que, “s'il est vrai que concept et réalité coïncident immédiatement dans la vie, est possible au niveau de la science une connaissance de la vie par les concepts” (*idem, ibidem*, p. 346). Contudo, não é fundamentado na história da filosofia, mas nas descobertas da ciência que Canguilhem irá encontrar um fundamento definitivo para sua proposta.

De fato, fruto de uma mudança de foco em seus estudos dos fenômenos mais característicos da vida, a descoberta do DNA resolveu em seu favor algumas questões concernentes ao conhecimento da vida. Basicamente, sua descoberta confirmou a existência de um código que armazena as informações genéticas que as células transmitem. Em concordância com ela, a herança biológica é o resultado da transmissão de informação. Sobre isso, Canguilhem (2002 p. 363) ressalta: “Dire que l'hérédité biologique est une communication d'information, c'est en un certain sens, revenir à l'aristotélisme, si c'est admettre qu'il y a dans le vivant un *logos*, inscrit, conservé et transmis”.

Sobre isso, uma pergunta deve ser feita: mas é verdadeiramente para “retornar ao aristotelismo” (*revenir à l'aristotélisme*) ou para

corroborar com sua própria teoria que Canguilhem se refere às descobertas genéticas? De fato, entendida pelos termos de *logos* registrado, conservação e transmissão no vivente, a fórmula do DNA contribuiu para confirmar as ideias de Canguilhem quanto à natureza da vida e a sua relação intrínseca com seu conceito. Mas, independentemente dos interesses teóricos que possam existir, Canguilhem tinha em mente que as descobertas de tais conteúdos permitiriam considerar a biologia contemporânea como uma “filosofia da vida”: “*la biologie contemporaine, lue d’une certaine manière, est, en quelque façon, une philosophie de la vie*” (Canguilhem, 2002, p. 364). Nesse sentido, cabe, então, o questionamento: o que é o conhecimento da vida e do conceito de vida?

Para Canguilhem, a partir da descoberta do DNA, conhecer a vida consiste em decodificar uma mensagem. Para isto, é necessário “descobrir a chave” (*découvrir la clef*). Se a inteligência quiser conhecer a vida, ela deve se colocar a serviço do trabalho de decifração, consciente que o significado a ser revelado é prefigurado por sua intervenção. Isso se dá porque, de acordo com Canguilhem, a vida se realiza sempre sem a ajuda da inteligência humana para transmitir o significado; de modo que, ao contrário do que sustenta a filosofia da experiência e do sujeito – para qual o significado é uma questão de consciência humana –, a filosofia desenvolvida por Canguilhem afirma que é deixado à inteligência aceitar o significado gerado e transmitido pela vida.

Considerações finais

O que resta do sujeito quando a inteligência deve se resignar simplesmente a decifrar o código da vida? Obviamente, Canguilhem não ignora as questões concernentes ao sujeito que aparecem em sua teoria. Ao contrário, ele realiza um exame dessa questão na última parte de seu artigo, onde ele começa por assinalar que, diferentemente do animal – que é informado hereditariamente sobre o não recolhimento e transmissão de algumas informações, o homem é de certa maneira permanente insatisfeito com o conhe-

cimento obtido. Na sua visão, Canguilhem reitera que a insatisfação do homem provem do erro que ele comete a não se colocar no lugar adequado para obter certa informação que busca. Isso acontece sempre que, no lugar de aceitar a supremacia do conceito, o vivente pretende impor sua própria regra. Contudo, embora seja o resultado de um erro, a insatisfação cumpre uma função positiva, visto que ela promove “*une recherche inquiète de la plus grande quantité et de la plus grande variété d’information*”. Mas por esta busca inquieta ter a possibilidade de fazer aparecer um “saldo positivo” de informações, o homem deve abandonar sua ambição de ser sujeito, *i.e.*, sua pretensão de estabilizar rigorosamente as condições de conhecimento. “*C’est qu’être sujet de connaissance, si l’a priori est dans les choses, si le concept est dans la vie, c’est seulement être insatisfait du sens trouvé*” (Canguilhem, 2002, p. 364).

De acordo com Canguilhem, o sujeito só teria acesso ao conceito de forma passiva. Logo, a única condição que deve valer ao sujeito no que diz respeito ao conhecimento da vida e dos viventes é sua capacidade receptiva. De fato, a análise do estatuto de um sujeito que deseja se converter em fundamento do conhecimento, tal como o sujeito moderno, não é negligenciada por Canguilhem. Tal sujeito, não satisfazendo suas condições intrínsecas, irá ampliar seus argumentos teóricos até dar-lhes consistência e consequências ontológicas.

Referências

CANGUILHEM, Georges. *Études d’histoire et de philosophie des sciences*. 7. ed. Paris: J. Vrin, 2002.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza R. C. Barrocas. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CANGUILHEM, Georges. *O conhecimento da vida*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. La vie: l'expérience et la science. *Revue de Métaphysique et de Morale*. v. 90, n. 1, jan.-mars 1985, p. 3-14.

GOLDHAMMER, Arthur. Georges Canguilhem. In: KRITZMAN, Lawrence. (Ed.). *The Columbia History of twentieth-century French thought*. New York: Columbia University Press, 2006.

RABINOW, Paul. A vital rationalism. In: DELAPORTE, François. (Ed.). *A vital rationalist: selected writings from Georges Canguilhem*. New York: Zone Books, 1994.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Philosophy in turbulent times: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze, Derrida*. New York: Columbia University Press, 2008.

Artigo recebido em 20/03/2016, aprovado em 13/04/2016